

Sobre construções teóricas de conteúdo incerto: uma revisão bibliográfica sobre o masculino e o feminino em Freud e Fiorini

Ian Favero Nathasje¹
Patricia Coelho Stumpf²

Resumo: A partir de dúvidas relacionadas ao atendimento de pessoas transgêneras, os autores decidiram investigar o que está definido como masculino e feminino na psicanálise. Para isso, fizeram uma revisão bibliográfica da obra de Freud, de forma a tentar reproduzir o que o fundador fala sobre o tema. Após, aproveitando o próprio conceito de perspectivismo introduzido por Fiorini (2019), foi feito um levantamento da obra da autora sobre os conceitos de masculino e feminino. Colocar os dois autores em paralelo permite confrontar a questão do gênero, do contexto sociocultural e a época em que os autores viveram e escreveram seus textos. Esse tipo de paralelismo expande o conhecimento psicanalítico de forma a abordar as apresentações diversas da sexualidade e os papéis de gênero em mutação, permitindo uma construção mais individual, que reconhece a diferença do outro e sua subjetividade, não descartando o que é considerado fundante da psicanálise, mas inserindo-o numa lógica mais complexa.

Palavras-chave: Feminino. Masculino. Psicanálise.

¹ Psiquiatra, residente em Psiquiatria da Infância e Adolescência do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – SBPdePA.

² Psiquiatra.

1. Introdução

Quando nos deparamos com o atendimento de pessoas transgêneras, questionamos os limites de gênero, assim como suas transgressões. A psicanálise não foi a criadora das categorias de gênero e do que se entende como feminino e masculino. Essa criação cultural é muito anterior ao próprio pensamento sobre elas, mas qual o corpo teórico da psicanálise para as categorias de gênero? O que é gênero?

O termo gênero surgiu, em 1955, como conceito separado de sexo biológico após os estudos de John Money, um psicólogo que trabalhava com hermafroditismo. Money começou a perceber que mesmo quando a designação do gênero ao nascer não era compatível com o sexo biológico, a pessoa se identificava com o gênero designado. Ancorado na teoria Teoria dos Papéis Sociais, Money deu início a uma série de estudos sobre gênero no campo da psicologia (Bento, 2017). A conclusão de seus estudos é de que o gênero e a identidade sexual seriam modificáveis até os 18 meses de idade (idem). Porém, é importante ressaltar que a tese que ele defendia não era de uma determinação social sobre o corpo, mas antes de possibilidade de “adequação” para indivíduos com ambiguidade genital.

Em 1966, foi publicado, pelo psicanalista Ralph Greenson, um relato de caso de uma criança transexual. Greenson foi contratado pela mãe de Lance, um menino de 5 anos que tinha um comportamento dito feminino. Gostava de vestir as roupas da irmã e brincava de bonecas. A partir desse caso, Greenson inicia uma teoria sobre a formação da identidade transexual. Para ele, existe uma “relação simbiótica primitiva” entre a mãe e o bebê que leva a uma identificação maciça com a mãe e com o feminino (Ribeiro, 2005). Então, para que se criem identidades masculinas deve haver uma des-identificação.

Robert Stoller dá sequência a essa teoria. Ele é importante por introduzir o conceito de profeminilidade, invertendo a teoria de Freud que faz referência à primazia do falo. Além disso, Stoller cria o conceito de núcleo de identidade de gênero, que é o sentimento de pertencimento ao gênero feminino ou ao gênero masculino (Ribeiro, 2005; Glocer Fiorini, 2019).

Paralelamente, teóricas feministas desenvolveram o conceito de gênero fora da psicologia. O importante texto *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir publicado em 1949 é um marco do início da produção literária feminista que pensa a mulher na sociedade. A frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949/2016, p. 9) questiona por que certas atribuições, funções e comportamentos seriam ou de um gênero ou de outro. Nesse momento ainda não se critica a constituição do gênero, mas o que lhe é atribuído socialmente. Para

Bento (2017), Beauvoir tenta desnaturalizar uma suposta identidade feminina, mas Bento distingue desnaturalizar de desessencializar, sendo aquela marcada pela crítica do papel social atribuído, mas Beauvoir mantém o reconhecimento da sociedade essencialmente dividida por gêneros. Para Beauvoir, escolher um gênero é um ato incessante, diário, de recebimento de normas e das suas reproduções, de forma a ocorrer uma apropriação, uma interpretação própria, mas mantendo sua estrutura, organização e, principalmente, sua reprodução na sociedade (Butler, 1986).

A continuação dos estudos feministas se desenvolve para o questionamento da constituição do gênero. Para Wittig (1993, p. 103). “Nós fomos obrigados, característica por característica, a corresponder com a ideia de natureza que foi estabelecida para nós” (tradução dos autores)³. A ideia de naturalidade criticada por Wittig é a de que sexo é uma categoria taxonômica natural, ou seja, uma categoria política, somente fazendo (e criando) sentido em um discurso binário no qual ‘homem’ e ‘mulher’ são as únicas possibilidades de sexo e se relacionam como opostos complementares. A categoria sexo está sempre subordinada à heterossexualidade (Butler, 1986; Wittig, 1993). Para Wittig, então, só existe sentindo no sistema binário de classificação de gênero se esse sistema é fechado em si, operando através da heterossexualidade compulsória.

A partir dos estudos de Hegel, Butler estuda o sujeito enquanto alma/mente. Esses estudos influenciam seus estudos sobre gênero. Butler faz uma revisão de uma série de autores quando se propõe a estudar o que é um “problema de gênero”, entre eles Beauvoir, Wittig, Rubin, Irigaray, Freud (Butler, 1990/2018). É a partir desses estudos que vai criar sua teoria da performatividade do gênero, existindo um sujeito que é performance (e performador) de seu gênero. É através da paródia das drag queens e do *camp* que essa performatividade é escancarada. A autora propõe um conceito metapsicológico: o gênero melancólico, que através da impossibilidade de elaboração (luto) e transgressão do tabu da homossexualidade o gênero desejado é incorporado. (Butler, 1990/2018) (Salih, 2018)

Bento (2017) aponta três deslocamentos provocados pela experiência transexual: 1) Deslocamento de Gênero e corpo-sexuado – pela discrepância entre os dois. 2) Deslocamento de Gênero, sexualidade e corpo-sexuado – quando esse gênero, discrepante do corpo sexuado, deseja uma outra pessoa do mesmo gênero. 3) Deslocamento do olhar – aqui entra em ação o outro. O outro, nesse contexto, é representado pela pessoa cis, que nunca levou sua experiência em consideração por ser esta – estabelecida como – universal.

³ “We have been compelled in our bodies and in our minds to correspond, feature by feature, with the idea of nature that has been established for us.”

Entendendo que a experiência transexual desvela a produtividade do gênero, bem como a noção trazida por Bento que estudar gênero a partir das diferenças sexuais é sugerir que a teoria necessita da diferença sexual, decidimos estudar não a experiência trans, como fosse diferente, o outro a ser estudado, antes, decidimos estudar algo que não é específico a um dos grupos (cisgêneros ou transgêneros). Aceitando a diferenciação de corpo-sexuado e gênero performados, os termos masculino e feminino parecem ser utilizados ora como conceitos biológicos, ora como uma essência que não permite questionamentos. Inclinados a não aceitar conceitos não explicados, nos perguntamos: o que é masculino e o que é feminino? E ainda, do que se fala, quando falamos em masculino e feminino?

A partir desse questionamento – e da necessidade de aporte teórico para pensarmos os limites e as transgressões de gênero – decidimos estudar a história (dentro da psicanálise) desses conceitos que, apesar de “construções teóricas de conteúdo incerto” (Freud, 1925/2020f, p. 271), parecem ser utilizadas amplamente em diversos conceitos psicanalíticos. Para tal, rastreamos em Freud os textos que envolvem essa temática e faremos um paralelo com ideias psicanalíticas sobre o tema, a partir dos textos da psicanalista contemporânea Leticia Glocer Fiorini.

2. Freud

O estudo da sexualidade humana é, para Freud e os psicanalistas, central ao entendimento do funcionamento psíquico. Como, então, é a visão do fundador da psicanálise acerca dos conceitos de masculino e feminino? São muitos os textos dele que fazem menção ao que é feminino e ao que é masculino, assim como as tentativas de explicar qual seria o processo de desenvolvimento psíquico no menino e na menina.

Em *Sobre teorias sexuais infantis* (1908/2020a), Freud inicia a discussão acerca da percepção das crianças sobre o sexo biológico. O autor afirma que, independentemente de serem do sexo feminino ou masculino, todas as crianças assumem como normal a presença do pênis, sendo este o órgão genital padrão. Ele também descreve o pênis como zona erógena condutora e objeto autoerótico da mais alta importância, marcando o que chama de primazia do falo (idem), isto é, o desenvolvimento infantil é guiado e orientado pela presença ou ausência do falo e o medo de perdê-lo.

A primeira dessas teorias está ligada à negligência das diferenças sexuais que destacamos anteriormente como característica da criança. Ela consiste em atribuir um pênis a todos os humanos, inclusive aos do sexo feminino, tal como o menino o conhece a partir de seu próprio corpo. . . . Na menininha, observa-se com facilidade que ela compartilha inteiramente da compreensão do irmão. (Freud, 1908/2020a, p. 102)

A partir da primazia do falo, Freud desenvolve a teoria do complexo de castração e da inveja do pênis. Assim, na fase genital, o menino percebe a desvantagem feminina de seu órgão atrofiado (Freud, 1924/2020e, 1925/2020f), e entende que foi castrado, tendo medo de que o mesmo aconteça com ele, formando a angústia de castração. É devido a esse medo que o menino se afasta do rival edípiano (o pai) e da paixão pela mãe para procurar outro objeto fora da família original, permitindo que o complexo de Édipo colapse e forme o superego. Os anseios libidinais dessa fase ou são dessexualizados e sublimados ou são inibidos e transformados em monção de ternura, fazendo com que o menino entre na fase de latência. (Freud, 1924/2020e).

A menina, por sua vez, após se deparar com o órgão superior do menino (Freud 1924/2020e), conclui que ela mesma já foi castrada. Esta é a diferença essencial no complexo de Édipo feminino e masculino: a menina aceita a castração como fato consumado e o menino teme por sua consumação. Uma vez que se percebe enquanto ser castrado, surge a inveja do pênis, cujas consequências são múltiplas e de grande alcance: o sentimento de inferioridade, o ciúme, o afrouxamento da relação tenra à mãe como objeto e, a mais importante de todas, o afastamento do onanismo (Freud, 1925/2020f). Essa aceitação só é tolerada pois existe uma tentativa de compensação, em que a menina deseja dar um filho ao pai, o que nunca acontece. Por esse motivo, o complexo de Édipo na menina é abandonado lentamente, pode ser resolvido por recalçamento ou deslocando seus efeitos na vida anímica normal da mulher. Desse modo, o superego da mulher nunca se torna “tão implacável, tão impessoal e tão independente” (Freud, 1925/2020f, p. 270) quanto o do homem. Ainda nesse texto, após explicar como o senso de justiça inferior e a baixa aptidão às grandes necessidades da vida estão ligados a essa formação secundária e aquém do superego feminino, diz: “. . . de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto.” (Freud, 1925/2020f, p. 271). Tal “contradição” mostra o alcance do pensamento de Freud que por horas parece fortemente influenciado pela cultura e pelo seu tempo e em outros rompe com conceitos aparentemente tão estabelecidos.

Com o reconhecimento de sua ferida narcísica, estabelece-se na mulher – de certo modo como cicatriz – um sentimento de inferioridade. Depois de superar a primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como punição pessoal e de ter entendido a generalidade dessa característica sexual, ela começa a compartilhar o menosprezo do homem pelo sexo reduzido num ponto decisivo. (Freud, 1925/2020f, p. 265)

A inveja do pênis tem papel central na formação psíquica feminina. Segundo Freud, é o destino que a menina dá a sua inveja que vai determinar como vai

ser seu desenvolvimento. Nesse raciocínio ele considera o clitóris uma variação atrofiada do pênis e a atividade clitoriana como uma conduta masculina, de tal modo que a feminilidade só se completa a partir do momento em que a menina abandona a masturbação clitoriana para obter prazer vaginal (1908/2020a, 1925/2020f, 1931/2020g, 1933/2020h). Ele desenvolve três possíveis resoluções para a inveja do pênis: 1) A inibição sexual ou neurose, em que a menina após perceber que não tem pênis, renuncia a satisfação masturbatória do clitóris, rejeita o amor pela mãe e recalca boa parte dos anseios sexuais (1933/2020h). 2) O complexo de masculinidade, em que a menina nega sua castração, mantém a atividade clitoriana/masturbatória e se identifica com a mãe fálica ou com o pai. O extremo do complexo de masculinidade é a homossexualidade feminina (1933/2020h). 3) Feminilidade normal, que toma o pai como objeto e encontra a forma feminina do complexo de Édipo, tendo um filho como realização de sua inveja do pênis (1933/2020h).

Freud ainda enfatiza, por diversas vezes, o quanto a atividade está relacionada ao que é masculino e a passividade ao que é feminino (1916/2020c, 1923/2020d), descreve que antes da existência de masculino e feminino haveria apenas a oposição Ativo vs Passivo, para depois se tornar Masculino vs Castrado e, finalmente, no fim da puberdade, Masculino vs Feminino (1923/2020d). No texto *A feminilidade* (1933/2020h), contudo, ele contraria o que tantas vezes já havia escrito ao pensar que as mulheres não detêm a passividade e os homens não detêm a atividade:

Assim dizemos que o ser humano, seja macho ou fêmea, comporta-se neste ponto de modo masculino e naquele outro de modo feminino. Mas os senhores logo verão que isso não passa de uma concessão em relação à anatomia e à convenção. Os senhores não podem atribuir nenhum novo conteúdo aos conceitos de masculino e feminino. A distinção não é psicológica. . . . A mãe é ativa em relação ao filho em todos os sentidos. . . . As mulheres podem desenvolver grande atividade em diversas direções. . . . Poderíamos pensar em caracterizar psicologicamente a feminilidade através da preferência por metas passivas. (Freud, 1933/2020h, pp. 316-317)

Nos três ensaios (1905/2016), Freud aborda a questão da bissexualidade originária como uma disposição inata. A sexualidade infantil é perversa poliforma, tem múltiplos destinos para a obtenção do prazer, e múltiplas formas para tal. Na visão de Freud, é pelo estreitamento desses destinos e formas que, ao fim do Édipo, o homem se configura sujeito e a mulher se configura natureza.

Também nesse texto (1905/2016, p. 35), Freud aborda que “. . . também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer

explicação”. Menciona que o beijo, um contato que alcançou grande valor sexual, não seria essencialmente adequado para reprodução (critério usado para justificar outras práticas como perversas: sexo anal, sexo oral, etc.). Esse tipo de informação que parece contradizer outras falas de Freud está presente ao longo de sua obra. E parece ter relação com o fato de o autor manter em aberto seus pensamentos e dúvidas.

Também é visível na obra de Freud os atravessamentos culturais. O texto *O tabu da virgindade* (1918/2020b) possui uma descrição de como eram as relações amorosas entre homem e mulher na época. É enfatizado o valor atribuído à intocabilidade da mulher – “. . . a valorização da virgindade, por parte do homem pretendente, parece tão estabelecida e óbvia que quase caímos no embaraço se tivermos que justificar” (1918/2020b, p. 155). Não era permitido que a mulher levasse na memória a experiência sexual com outro homem, estabelecendo uma relação de posse exclusiva do marido e estendendo essa posse inclusive para as experiências anteriores. Por causa dessa vivência estabelece-se um estado de subordinação da mulher ao seu marido, e o contrário não é verdadeiro e nem exigido.

“Uma tal medida de sujeição sexual é, de fato, indispensável para a manutenção do casamento como produção cultural e para manter afastadas as tendências à poligamia que o ameaçam” (Freud, 1918/2020b, p. 156). Nesse contexto, percebemos que os desejos da mulher não são levados em conta e, desse modo, com menos necessidade de serem conhecidos. Freud descreve a mulher como “continente negro”, “incompreensível”, “misteriosa” (1918/2020b, 1924/2020e, 1926/2020i). Esse tipo de nomeação, apesar de revelar a falta de conhecimento acerca da mulher, mantém uma aura de mistério não preenchido pela metapsicologia, permitindo a manutenção de influências e determinações sociais e culturais no corpo e no psiquismo feminino.

3. Fiorini

Leticia Glocer Fiorini é uma mulher cisgênero, argentina, médica e psicanalista didata pela Asociación Psicoanalítica Argentina (APA, filiada a IPA). Possui uma extensa obra sobre o feminino. Trazer, aqui, as ideias de Fiorini não se deve apenas pela profundidade e envergadura de sua pesquisa, mas também pelo que a própria Fiorini discute em um de seus textos (Glocer Fiorini, 2019): a necessidade de se entender que em todo autor existe um ponto de vista, um perspectivismo, que é fundamental para se avaliar a teoria e a clínica produzidas por esse autor. O fato de que Fiorini é mulher é decisivo nesse ponto. Acreditamos ser essa uma demanda não só de nossos tempos, mas

que acompanha a psicanálise desde seus primórdios, uma vez que Karen Horney (Freud 1925/2020f) já apontava que a teoria psicanalítica sobre a mulher, o feminino e a menina era uma teoria da sexualidade infantil dos homens que a escreveram.

Há um grande número de contribuições de diversas áreas do conhecimento que se propõem a pensar o local da mulher na sociedade e suas concepções. Movimentos como *Me too*, *Time's up*, *Ni una a Menos*, *8M* são manifestações culturais e discursivas que descentralizam a mulher como objeto de estudo a partir de um observador neutro (Glocer Fiorini, 2019). Essa descentralização passa pela polissemia do tema do feminino: “as categorias feminino, mulher, mãe, sexualidade feminina e feminilidade não são homólogas, embora haja superposições entre elas” (Glocer Fiorini, 2019, p. 103). É a partir desse movimento de desessencialização do feminino que a autora propõe (Glocer Fiorini, 2019): 1) buscar alternativas à narrativa unificante do feminino; 2) pensar o feminino como signifiante, capaz de produção de desejo, de simbolização e como sintoma.

sintoma da cultura, expresso nos discursos vigentes, e sintoma individual em homens e mulheres; espaço e lugar no qual se projetam ansiedades milenares, angústia de castração, ameaças à completude narcísica nos homens e, fundamentalmente, relação de poder, individuais e coletivas, intrincadas com o pulsional. (Glocer Fiorini, 2019, p. 101)

Por último, ela questiona se 3) seria a teoria psicanalítica independente das experiências coletivas? No entendimento da autora, não se trata apenas da realidade interna, mas da implicação temporal, social, cultural à qual está submetido o sujeito.

Na leitura de Fiorini da obra de Freud, alguns pontos devem ser ressaltados em relação ao avanço no que tange à possibilidade de pensar o feminino (Glocer Fiorini, 2014): 1) Freud se afasta de uma determinação naturalística da diferença sexual com o complexo de Édipo. 2) Apresenta um esquema imaginário, com itinerários de desejo e identificações do *menino*. 3) Diferencia o desenvolvimento do menino e da menina, ainda que o faça a partir da primazia do falo. São essas algumas das proposições que permitem que a psicanálise se estranhe, conteste e permita uma reflexão da e sobre teoria.

São diversos os questionamentos que Fiorini coloca acerca da sexualidade infantil e do feminino (Glocer Fiorini, 2014): a) Seria a inveja do pênis a explicação principal do desenvolvimento libidinal na menina? b) Existiria uma masculinidade primária na menina? c) O que fundamenta a afirmação da representação dessa masculinidade pelo clitóris sem recorrer a analogias

simplistas? d) O superego da menina é mais fraco, menos rigoroso, do que o do menino? e) É possível pensar em uma sexualidade feminina independente da maternidade, da histeria ou do complexo de masculinidade? f) Seria a homossexualidade equivalente à perversão? g) Seria a recusa da diferença uma explicação plausível para todas as variantes da homossexualidade? ou ainda, em um trabalho mais recente (Glocher Fiorini, 2019) h) Por que o enigma da diferença sexual está localizado no feminino?

. . . considero que o discurso freudiano sobre a diferença sexual é também um discurso sobre os gêneros, discurso sobre homens e mulheres, que se sustenta, ainda que não totalmente, na episteme da Modernidade. Discurso em que as mulheres são os outros. Mas que, ao mesmo tempo, oferece uma conceituação basicamente centrada na sexualidade e na diferença. Resgata, ilumina e enfatiza o papel da sexualidade, da pulsão, do desejo, enquadrados numa legislação metaforizada no complexo de Édipo-castração. (Glocher Fiorini, 2009, p. 130)

Talvez seja o último questionamento o organizador da obra de Fiorini. A localização da diferença sexual no feminino está intimamente ligada ao feminino como natureza, como objeto, e ao masculino como razão e sujeito. Essa dicotomia cria apenas três saídas na sexualidade feminina na obra freudiana: Maternidade, complexo de masculinidade e sintoma – como já abordado neste trabalho anteriormente. É possível uma sexualidade feminina que não esteja relacionada a ter filho, a um sintoma ou à masculinização? Para a autora, a resposta é sim. E reconhece, então, a necessidade de repensar as possibilidades propostas por Freud (Glocher Fiorini, 2001, 2009, 2014, 2013/2015, 2018a, 2018b, 2019, 2020).

Fiorini questiona o papel do filho-falo. Ao determinar essa equação, seria impossível para a mulher reconhecer o filho como um “outro”, com alteridade, além de reduzir o desejo da mulher a ter um pênis. Por que o desejo de maternidade não pode percorrer outros caminhos que não a inveja do pênis? Para a autora, é fundamental conceituar a maternidade de outra forma. A autora aborda o desejo não como produto da falta, da castração, mas como produção desejante. No tocante ao filho-falo, a autora reconhece a possibilidade do desejo do filho como outro, não como um falo, parte do inconsciente materno (Glocher Fiorini, 2001, 2014, 2013/2015, 2018b, 2019).

Seguindo a possibilidade do desejo de um filho como outro, independente, questiona-se o conceito de função paterna. Não o tocante à função, ao ato da simbolização, da criação de outro, mas quanto à localização dessa função no pai. Para a autora é claro que a função poderá ser exercida pela mãe, pai, ou outras pessoas significantes, e propõe a denominação de função terceira. Essa

função poderá ser exercida por múltiplas pessoas, simultaneamente ou não. Reconhecendo o papel da mãe numa maternidade desejanste, produtiva e não apenas como faltante e simbiótica (Glocher Fiorini, 2001, 2014, 2013/2015, 2018b, 2019). Fiorini ainda afirma que:

Isto não elimina a figura de um pai e suas funções simbólicas, mas sim fornece outras fontes para entender o acesso de um sujeito às legalidades da cultura e a diferentes universos de laços sociais. Por outro lado, permite focalizar outros aspectos de grande importância para se entender distintas funções que os pais possam cumprir e colocar em valor. (Glocher Fiorini, 2013/2015, p. 486)

Outro tema abordado pela autora é o da violência de gênero. Para ela, o desamparo narcísico do recém-nascido é prolongado nas mulheres devido ao local secundário relegado a elas culturalmente. Esse desamparo estaria intimamente ligado à manutenção de uma lógica binária e de exercício de poder e domínio sobre as mulheres. Pensando que a subjetividade se constitui a partir do campo pulsional desejanste influenciada pelo campo da outridade, esses poderes, saberes e verdades sobre as mulheres têm forte impacto sobre sua subjetividade (Glocher Fiorini, 2018b).

Ademais, recordemos que a condição feminina está submetida à violência também quando se expressa em outras subjetividades, sexualidades e gêneros não convencionais. A violência contra travestis, transexuais e homossexuais é parte das condições de exclusão que marcaram historicamente o feminino⁴ [tradução dos autores]. (Glocher Fiorini, 2018b, p. 84)

Para Glocher Fiorini (2018a, p. 513), “. . . o gênero alude aos ideais sociais e parentais, culturais e discursivos que expressam o contrato social vigente”. Ela defende a abordagem do gênero por, pelo menos, duas facetas: 1) uma identidade subjetiva em constante transformação em processo de identificações e desidentificações e 2) um estímulo subjetivo para construir referências identitárias com uma certa fixidez. O conceito de gênero como é trabalhado hoje não existia na época de Freud, mas está presente na obra da mesma forma. Quando no complexo de Édipo é conceituado uma forma para o menino e uma forma para a menina, já está incluído o gênero dessas crianças (Glocher Fiorini, 2019).

⁴ “Además, recordemos que la condición femenina es sometida a violencia también cuando se expresa en otras subjetividades, sexualidades y géneros no convencionales. La violencia hacia el travestismo, el transexualismo o las homosexualidades es parte de las condiciones de exclusión que marcaron históricamente lo femenino.”

Enfatizamos que é necessário ter em conta diferentes significações no campo da alteridade. No caso do gênero, às informações dos discursos vigentes constituem um outro discursivo, cujas prescrições se fazem presentes desde o nascimento. Trata-se, como apontamos, de ideias que a cultura e o contrato social propõem. Embora tomem como ponto de partida os dados anatômicos ao nascer, incluem crenças, convenções, estereótipos e prescrições sobre o feminino e o masculino. Por outro lado, sabemos que esses dados anatômicos marcam uma distinção que será interpretada na ordem cultural em termos de valorizações diferenciais.” (Glocher Fiorini, 2018a, p. 514)

Apoiando-se no conceito de performatividade de Butler (1990/2018), Fiorini destaca o gênero não apenas como construção social, mas como construção subjetiva. Isso implica construção e desconstrução constantes do gênero que nos foi dado ao nascer (gênero no sentido da própria autora, como citado acima), colocando o processo de entrar e sair do gênero como parte do processo de subjetivação sexuada (Glocher Fiorini, 2018a).

Para a autora, abordar esses temas reconhecendo uma lógica não-binária, que trabalha a partir da diferença, não faz com que se apague a lógica binária, mas que ela seja parte de uma complexidade maior. Desestabilizar as dicotomias masculino-feminino e fálico-castrado não submete a teoria a incertezas, pelo contrário, permite colocar esses binarismos para trabalho com outras propostas a serviço da categoria *diferença*, a serviço do esclarecimento de qual campo simbólico cada qual pode construir. (Glocher Fiorini, 2018a, 2019, 2020)

Finalmente, as pluralidades teóricas e as diversidades clínicas são uma marca da psicanálise contemporânea. Para alguns é um problema, para outros um estímulo para continuar pensando com certa margem de liberdade nos desafios que nos propõem as subjetividades contemporâneas. Por isso, propomos trabalhar nas complexas relações entre corpos, identidades, identificações e sexualidade/desejo. (Glocher Fiorini, 2018a, p. 519)

4. Conclusão

Sem dúvida o desenvolvimento psicosssexual e os atributos que nos fazem mulheres e homens são de fundamental entendimento para a prática clínica, não só no atendimento de pessoas transsexuais (a motivação deste artigo), mas também para pessoas cisgêneras. Freud não pensava no que hoje se chama de papéis de gênero nesses termos, mas os reproduzia em sua teoria. Assim, como mostrado por Fiorini, Freud desnatura a diferença sexual ao criar o complexo de Édipo, porém, ao delimitar um caminho único de saída edípica reproduz padrões socioculturais vigentes em seu tempo. Ao colocar a diferença sexual na

menina, como castrada, reproduz padrões de poder vigentes na sociedade. Mas não é possível dissociar teoria e clínica, o método de investigação psicanalítica é a clínica de pessoas formadas em uma cultura. A intenção dos autores não é invalidar o caminho da teoria até aqui, mas reconhecer a interação entre teoria, autor e contexto sociocultural, em Freud, Fiorini e todos nós.

Por meio de movimentos sociais, ocorreram duas mudanças que Fiorini aponta como questões contemporâneas importantes na construção da subjetividade: as mudanças da posição feminina nas sociedades atuais e a aceitação das diferentes apresentações sexuais e de gênero que se afastam dos padrões tradicionais. Isso a fez repensar o complexo de Édipo, propondo questionamentos sobre pontos cegos na teoria, que no mundo contemporâneo já não passam despercebidos.

Talvez nenhuma teoria consiga englobar o processo de identificações, fantasias e desejos que estão envolvidos no desenvolvimento psicosssexual. E justamente por ser um tema mutável é tão importante que novas teorias e novos questionamentos estejam sempre emergindo. Gostaríamos de destacar o quanto é importante uma postura analítica de abertura à outridade. O alargamento teórico proposto por Fiorini permite que o analista possa escutar o mundo interno de seu analisando reconhecendo nele um outro, radicalmente outro. Permite ao analista reconhecer suas próprias narrativas, crenças, identificações e confrontá-las com aquele que o procura para tratamento.

On theoretical constructions with uncertain content: a bibliographic review on the masculine and feminine in Freud and Fiorini

Abstract: Based on doubts related to the care of transgender people, the authors decided to investigate what is defined as male and female in psychoanalysis. Therefore, it was made a bibliographic review of Freud's work, in order to try to reproduce what the founder says about the theme. After, taking advantage of the very concept of perspectivism by Fiorini (2019), a survey of the author's work on the concepts of male and female was made. Placing the two authors in parallel allows us to confront the issue of gender, socio-cultural context and the time when the authors lived and wrote their texts. This type of parallelism expands psychoanalytic knowledge in order to address the diverse presentations of sexuality and changing gender roles, allowing for a more individual construction, which recognizes the difference from the other and its subjectivity, not discarding what is considered to be the foundation of psychoanalysis, but inserting it in a more complex logic.

Keywords: Female. Male. Psychoanalysis.

Referências

- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949)
- Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo – Sexualidade e gênero na experiência transexual* (3a ed.). Salvador: Editora Devires.
- Butler, J. (1986). Variations on sex and gender: Beauvoir, Wittig and Foucault. *Praxis International*, 5(4), 505-516.
- Butler, J. P. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2020a). Sobre teorias sexuais infantis. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2020b). O tabu da virgindade. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2020c). Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (Conferência XXI). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2020d). Organização genital infantil. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2020e). O declínio do complexo de Édipo. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2020f). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925)

- Freud, S. (2020g). Sobre a sexualidade feminina. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (2020h). A feminilidade. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2020i). A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial. In C. Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (2a ed). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1926)
- Glocher Fiorini, L. (2001). El deseo de hijo: de la carencia a la producción deseante. *Revista de Psicoanálisis*, 58(4), 965-976.
- Glocher Fiorini, L. (2009). As mulheres no contexto e no texto freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 121-135.
- Glocher Fiorini, L. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 47-55.
- Glocher Fiorini, L. (2015). Desconstruindo o conceito de função paterna: um paradigma interpelado. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(2), 479-491. (Trabalho original publicado em 2013)
- Glocher Fiorini, L. (2018a). Identidades e sexualidades em transformação. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 25(3), 509-521.
- Glocher Fiorini, L. (2018b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual y de géneros. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 127, 80-89
- Glocher Fiorini, L. (2019). Para uma desconstrução do feminino. Discursos, lógicas e poder: Implicações teórico-clínicas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(2), 99-102.
- Glocher Fiorini, L. (2 de outubro de 2020). *O sujeito se constitui nas fronteiras: Trans-subjetividades* (H. Surreaux, Trad.). Painel apresentado em Fronteras – 33º Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis – Primer Congreso Virtual FEPAL.
- Ribeiro, P. C. (2005). Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista*, 11(18), 238-256.
- Salih, S. (2018). *Judith Butler e a Teoria Queer* (G. L. Louro, Trad. e notas). Belo Horizonte: Autêntica.

Wittig, M. (1993). One is not born a woman. In H. Abelove, M. A. Barale, & D. M. Halperin (Eds.), *The lesbian and gay studies reader*. London: Routledge.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/06/2021

Aceito em: 30/07/2021

Ian Favero Nathasje
Rua Dr Florêncio Ygartua, 391/608
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: iannathasje@gmail.com